N. 97 Ovar—Domingo 3 de Junho de 1888 2. anno

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

3 JUN. 88

DIRECTOR—**FRANCISCO FRAGATEIRO**

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs linha.
Repetições..... 20 rs. a linha
Annuncios premanente 5 » »
Folha avulsa..... 40 rs

O absolutismo no constitucionalismo

O constitucionalismo vae sensivelmente decahindo, e talvez não esteja muito longe o dia em que tenha de ser banido por obstruccionista, por insufficiente para o governo e direcção das sociedades modernas. O desprestigio e a caducidade de tal systhema—que não provem, é certo, do grande numero d'annos d'experiencia—accentua-se fortemente em todos os paizes que glorificaram o regimen parlamentar como o unico meio possivel para que o povo intervisse directamente na administração de Estado por meio do suffragio tornado latitudinario até ao excesso.

Na França os partidos e as facções dividindo-se e juntando-se caprichosamente, sem norma e sem tino, produzem a inestabilidade dos gabinetes, arreigam nas massas a desconfiança dos governantes, originam as constantes oscillações de credito publico e de *commercio*, põem em crise a propria republica:—na Inglaterra, onde o parlamentarismo parecia mais enraizado, o mais harmonico possivel com indole do povo, sob o influxo do qual esta nação prosperou e engrandeceu, a crise agricola, em parte; a crise commercial, as questões coloniaes, abrem o conflicto entre a camara dos lords e a dos communs, deixando por isso de haver a harmonia indispensavel, dando logar ao obstruccionismo deprimente do valor e da natureza dos corpos legislativos e da acção governativa:—na Hespanha e na Italia, a dictadura assumida todas as vezes que estes paiz escarecem da acção immediata do estado, provam claramente a inutilidade, insufficiencia d'este systhema de governo.

Entre nós a decadencia é bem mais frisante do que em qualquer outra parte. Ninguem poderá affirmar se vivemos segundo a Carta ou segundo os principios absolutistas, se o povo participa do governo da nação, ou se este se concretisa, se dimana apenas da vontade do rei.

Durante um anno, o partido progressista, tendo empolgado o poder em nome da confiança da corôa, permaneceu em dictadura reformando todos os ramos d'administração publica e impondo leis, lançando impostos, exercendo vinganças, promovendo tumultos. Participava o povo d'estas medidas d'estes actos, quando nem sequer tinha ainda sido consultado?

Vieram depois as eleições nas quaes o ministerio, para conseguir grande maioria, empregou violencias inauditas, coagiu os eleitores, esmagou com força militar as assembleias e os circulos que lhe eram adversos. Seguiram-se os protestos e reclamações populares por occasião do imposto das licenças, das reformas das matrizes e do inquerito agricola, e esse mesmo ministerio mandou espingardear o povo—firmando-se na confiança da coroa quando a nação protestava, quando a nação, por esse facto, retirava os mandatos aos seus representantes que appoiavam a situação?

E assim durante a dictadura ate ao fim do interregno parlamentar, o ministerio viveu apenas do appoio que lhe dava o rei.

A' força de violencias conseguiu o ministerio levar á camara grande maioria, em numero, mas fraca em intelligencia e força moral, porque já trazia o vicio d'origem.

A opposição, pelo contrario, fizera eleger nos poucos circulos onde predominava e pela accumulação os seus melhores oradores, um feixe de intelligencias brilhantes. Se d'um lado, pois, estava a força do numero, do outro estava a força da intelligencia posta ao serviço d'uma causa sympathica, como era a stygmatisação de actos governativos praticados contra a lei constituida, contra medidas vexatorias e leoninas. N'estes termos o predominio devia, tarde ou cedo, pertencer, na camara popular, aos deputados opposicionistas

Que a maioria apenas tinha em seu favor o numero viu-se na celebre questão Ferreira d'Almeida, onde os attaques da opposição, brilhante, audazes, iam bater em cheio nos ministros, obrigando-os a cada momento a tomar a palavra. Desde essa questão a maioria ficou sem forças para combater, sem appoio no gabinete que abandonara. Se uma e outra viviam e vivem ligados não é porque communguem das mesmas ideias, não porque as ligue uma estreita affinidade: vivem assim porque ha syndicatos, porque ha monopolios a explorar, porque ha projecticulos de campanario a votar. E' o interesse pessoal que os une, que os aperta como um rebanho de carneiros em occasião de tempestade.

Mas se o nnmero pode prevalecer e muitas vezes tem prevalecido sobre a intelligencia, outras tem de ceder perante a inergia e força de direito. Foi isto o que succedeu em varias sessões.

Vimos já como a maioria teve de ceder por occasião da pateada na camara, quando queria impedir os deputados opposionistas de fallarem duas ou mais vezes sobre o modo de propor: vimos como acceitaram depois as propostas feitas pela maioria e que eram a condemnação formal do seu procedimento anterior. As sessões de sabbado passado e de segunda feira vieram dar mais uma prova de que é apenas a minoria que governa, que manda na camara, muito embora seja em limitado numero.

Na primeira d'estas sessões a maioria quizera fazer votar a proposta que obrigava a camara a sessões nocturnas. A opposição combateu desde logo esta proposta mesmo antes de ser posta á discussão. Como o ministro queria mostrar a sua força obrigando a votação urgente, foi ordenado a um deputado da maioria que requeresse a urgencia. O numero iria assim mais uma vez prevalecer sobre a justiça. Por isso a opposição protestou contra esta violencia, e um dos seus mais intelligentes deputados pedindo a palavra declarou que visto a maioria querer abafar com os votos, levar d'assalto a proposta, iria fazer obstruccionismo, fallando toda a hora.

Se a maioria tivesse força moral, se não estivessem completamente desprotegida, levaria até ao fim o seu intento, muito embora o orador falla-se sinco ou seis horas seguidas.

Passado tempo o presidente da camara perguntou-lhe se queria deixar de fallar por estar cansado elle fecharia a sessão antes da hora e não seria votada a proposta. O orador acceitou. O presidente reconhecia assim que a opposição mais uma vez vencera a maioria e por isso o ministerio que era solidario na votação immadiata.

Na sessão immediata, a mesma violencia do numero devia ser empregada, mas nem obstruccionismo foi necessario á opposição. O presidente do conselho de ministros, vendo-se novamente derrotado, esporeado por allusões que um dos deputados opposicionistas fez a um artigo publicado no jornal o «Correio da Noite», deu origem a tumulto, no meio do qual o presidente da camara teve de levantar a sessão.

Em duas sessões seguidas não consoguia o menisterio fazer vingar uma proposta que offerecia como campo de batalha á opposição. Estava assim derrotado.

Não é pois verdade que estamos em pleno regimem absoluto!

CARTA

Do ex.mo snr. dr. Manoel Aralla e Costa recebemos a carta que em seguida publicamos:

Um homem, que diante da assembleia representativa lança ás faces d'um outro o que o snr. Barbosa de Magalhães, costumado a rabulices, vociferou contra mim e para encobrir a origem da sua eleição e as infamias do governo em todos os actos que a prepararam, e que alli mente d'um modo que espanta, decerto não respeita esse lugar, nem a si mesmo, nem tem dentro de si aquillo que nos torna responsaveis.

No *Diario das Camaras* vejo que o discurso do snr. Barbosa Magalhães ácerca d'Ovar é um acervo de ousadas calumnias, mas grosseiras porque são evidentes, e de explicações ridiculas e d'um facil desmentido.

Das suas passagens mais notaveis, primores de impudencia, deprehende-se á sua primeira leitura, quanto são falsas.

Vamos transcreve-las.

«A camara sabe que durante vinte annos os destinos d'aquella terra estiveram entregues ao rancoroso e desenfreado capricho d'um homem, que absorvia em si todos os poderes politicos, civis e judiciaes e que tinha na mão todas as molas da administração local.»

«Escuso de avivar agora na memoria dos que me escutam as vinganças ferozes, as prepotencias selvagens, as tropelias escandalosas, as illegalidades, os abusos, e atrocidades de toda a ordem que por tão largo periodo martyrisaram aquella infeliz terra.»

«Agora o ex-mandão regenerador rodeado de meia duzia, se tanto, de caceteiros emeritos, vinga-se das repetidas derrotas, promovendo a cada passo nas ruas, pequenas desordens pessoaes, a que lhe convem dar o caracter de motins politicos, e para encobrir aos olhos dos seus chefes e correligionarios da capital o seu completo desprestigio, a sua actual insignificancia e impopularidade, inventa de quando em quando as mais extravagantes e inverosimeis mentiras, que transmitte por telegrammas alarmantes á imprença, aos deputados da opposição, ao snr. ministro do reino, e até por vezes a sua Magestade El-rei, ora alguns d'esses deputados, ou por ingenuidade, que a sua intelligencia me não deixa presumir-lhes, ou por mal entendida conveniencia partidaria, por varias vezes se tem feito echo n'esta casa d'essas inexatas informações.»

«Diz-se a toda a hora, com insistencia perfida, que em Ovar não ha auctoridade, nem lei, nem justiça, desde que subiu ao poder o partido progressissa: que a liberdade eleitoral não tem sido mantida—que os direitos politicos dos cidadãos são constantemente violados—que as garantias individuaes estão suspensas, e que as rixas partidarias tem alagado de saugue as ruas d'auuella villa.»

«Se isto assim fosse, se tudo isso não pasasse d'uma invenção facciosa, é claro que a ninguem aproveitará mais a munificiencia regia da amnista que aos progressistas d'Ovar.»

«Pois tenho a satisfação e orgulho de affirmar á camara, que não houve nem ha processo algum de caracter politico ou eleitoral, a que esse decreto de amnista fosse, ou tenha de ser applicado. Nem um só.»

«O unico processo politico instaurado contra os progressistas á tres annos a esta parte foi definitivamente julgado em audiencia geral o anno passado.»

«E os réus que tive a honra de defender foram todos absolvidos por unanimidade, sem ter sido preciso usar da faculdade legal de recusar quaesquer jurados, e até fazendo parte do jury um dos maiores contribuintes, que os regeneradores na imprensa e em celebres representações a El-rei diziam ser um dos que tinham sido privados pelos réus do exercicio do direito eleitoral.»

Ora eis ahi o verdadeiro *garrulo* do parlamento.

Quem ha-de acreditar que eu absorvi os juizes e os delegados, que tantos foram e tão dignos os que serviram durante esse periodo de vinte annos, e todos elles curvei ao meu capricho, os dominei e obriguei a commetter illegalidades, e a servirem de instrumento ás minhas vinganças selvagens, ás minhas atrocidades de toda a ordem!

Como é que eu curvei as auctoridades administrativas se quasi sempre estive na opposição, e quando não estava, como fui perseguidor, se nunca foram demittidos quaesquer empregados d'este concelho.

Quanta insania é precisa para ir vomitar essas garrulices intencionaes e desavergonhadas!

Como nauseam essas mentiras sobre os processos dos bandoleiros, cujo nomes indica qualquer pessoa d'Ovar a quem se perguntem.

Só não negou o facto divulgado por todo o paiz do attaque aos maiores contribuintes no dia 7 de janeiro de 1886—porém foi para mentir acerca d'elle mais do que a respeito de todos os outros.

Pois não affirma ser o seu processo o unico instaurado contra progressistas ha tres annos a esta parte?

Saiba-se que se julgaram com esse e no mesmo dia nada menos do que dez processos mais, apensados segundo a lei por serem relativos a crimes commettidos pelos mesmos réus nas selvagens investidas contra os regeneradores, isto é, por aquelles que o snr. Barboza teve a honra de defender e a quem deve a honra da sua eleição.

Note-se como foi capaz de mentir com toda a consciencia de que mentia, visto ser elle o advogado que os defendeu a todos!

Note-se que foi applicada a amnista a muitos crimes, politicos e não politicos, emquanto o snr. Barbosa affirma *ter a satisfação e orgulho em que não houve nem ha processo algum de caracter politico ou eleitoral* a que o decreto da amnistia fosse ou tenha de ser applicado, e com uma coragem de que se pode fazer ideia de tudo isto.

No momento, em que assim mentia á camara, estava-se julgado em Ovar outro processo contra um dos caceteiros, e tratava-se como ainda se trata de applicar o novo indulto não só aos crimes recentes, mas a todos os anteriores não julgados—e para isso se desistiu dos recursos, afim de aproveitar o effeito dos insultos

ao juiz proprietario, que foi o abandono da comarca—e agora o presidente da camara, o emancipador dos progressistas, servindo de juiz, eil-o disposto a applicar a amnistia a torto e a direito!

E tanto mente, que o advogado do réu que se julgou no dia da pateada no tribunal requereu o favor da amnistia, ao que o juiz se oppoz, seguindo-se a condemnação em 16 dias de cadeia pelo crime de espancar sem motivo a dois regeneradores.

Será ou não mentir e ainda com satisfação e orgulho?

Se foram absolvidos aquelles que defendeu com a honra, de que se louva, e que lhe é propria, expliquemos a razão, aqui de todos conhecida.

Para fingir que a absolvição foi legal e justa invoca perfidamente duas circumstancias, que ninguem melhor do que elle sabe como ainda mais agravam a injustiça com que foram absolvidos.

Vejam que honra na defeza!

Note-se—1.° foi o jury todo escolhido a dedo pelos mandantes do bando na ausencia do juiz, que portanto não fiscalisou esse acto.

2.°—os réus acompanhados dos officiaes de juizo entravam em casa das testemunhas, e ahi e pelas ruas repetiam as suas ameaça contra quem jurasse em seu desfavor, e tanto que as testemunhas se occultaram.

3.°—no dia do julgamento o administrador cercou o tribunal d'outros caceteiro chamados de fóra da villa e poz ás portas da sala da audiencia a policia armada de Vallega para que ninguem entrasse que não fosse dos seus amigos.

4.°—consistiu a ridicula defeza na mentira pueril de que fui eu o espancador de meu irmão, mas ainda assim não explica quem espancou e feriu os outros meus companheiros.

5.°—e ainda tambem não explica quem me impediu de ir com elles exercer os nossos direitos.

6.°—nos intervallos do julgamento via-se o administrador passeiando de mistura com os caceteiros e dando-lhes abraços, e ainda para mais escandalo sahiam os réus e corriam ás tabernas.

7.°—se não recusou jurados é porque bem sabia que nenhum queria nem podia senão absolver—como é pois que o maior contribuinte que fazia parte do jury podia votar livremente diante d'esse apparato de terror e depois das ameaças dos réus e das auctoridades?!

Emquanto ás pequenas desordens, que me accusa de promover, como pode attribuir-m'as, se ellas são o objecto de processos, nos quaes os réus são os mesmos caceteiros politicos, que teve a honra de defender o seu representante em côrtes?

Espero todavia que não me accusará de como deputado ou conselheiro de districto vender o meu voto por uma ou duas libras.

O seu discurso só podia satisfazer ao sr. José Luciano que decerto se estava revendo no alumno da sua eschola, cuja individualidade é caracterisada pela impudendia unida á ousadia, a ousadia á mentira, a mentira ao ridiculo, o ridiculo á vileza e a vileza á sabugice.

E assim é que desfez a lenda d'Ovar.

Ovar 28 de maio de 1888.

Manoel d'Oliveira Aralla e Costa.

Politica e administração concelhia

Nunca vimos queda mais desgraçada, mais tristemente celebre do que a d'esse bando que se acobertou com as aspirações, a indole do Limonada, apanhado, em tempos no Largo dos Campos a roubar umas poucas de libras a um lavrador.

Elles, que levaram a cacete as eleições: que esprancaram e feriram nas praças publicas: que levantaram as forcas: que assaltaram os quarenta maiores contribuintes: que arruaçaram no tribunal: que fizeram de dois delegados do procurador regio uns menos executores de vinganças pessoaes: que deram aos correligionarios dinheiro do municipio: que roubaram a Estrumada: que illudiram as condicções da praça, para arranjar grossa maquia, na construcção dos palheiros dos pobres do Furadouro: que demittiam sem razão os empregados, para collocar no logar d'elles outros que arruaçaram e espancaram: elles não podiam ter, não tinham em seu favor a opinião publica.

O concelho estava vitimado, opprimido: emquanto um bando de selvagens campeava infame com o appoio da auctoridade administrativa: vivia á sombra da impunidade garantida: se valia do dinheiro por que comprava a consciencia a alguns, e dos empregados municipaes com que se pagavam os serviços de quasi todos.

A orgia devia acabar um dia; e quando acabasse esse bando ficaria reduzido, ouvir-se-iam as recriminações dos desgraçados impellidos para o crime pela ambição tresloucada, infame dos cabeças odientos,

*

O bando tinha levado d'assalto tudo.

Na camara entraram por meio dos cacetes, á custa de muitos espancamentos: ahi empregaram grande parte dos arruaceiros—na secretaria—como guardas da Estrumada—como empregados nas estradas e caminhos. Prometteram empregos ou dinheiro: se não podiam dar aquelles, e estando o dinheiro foi esgotado, mandavam-os roubar á matta municipal. Assim vimos e vemos anda o grande desbarato que alli todos os dias se fez, sem que para juizo fossem dadas participppções. O roubo campeava, mas esse roubo tinha o caracter d'uma indemnisação, era o pagamento que se não podia haver por outro modo.

No tribunal entravam pela imposição feita a um delegado subserviente, a um delegado, que, em vez de ser do procurador regio, era do Mattoso.

Elle serviu para exercer as mais vergonhosas vinganças, e para salvar os correligionarios do crimes que a cada momento praticavam. Tornaram delegado em instrumento, promettendo-lhe o patrão Mattoso, como recompensa, a transferencia para Coimbra ou para Lisboa.

Entraram pelas arruaças feitas em plena audiencia crime as quaes deram logar á sahida do juiz, para que fosse a vara entregue a um cabeça capaz de tudo.

A administração do concelho estava desde o principio entregue a individuos pouco escrupulosos na escolha dos meios a empregar para conseguir os fins a que por ironia chamavam politicos.

Senhores d'estes tres grandes elementos e julgando que impunemente podiam cometter toda a qualidade de crimes, cometteram-nos e não foram punidos na maior parte.

*

Moderou-se a orgia.

Os cabeças cançaram de dar dinheiro: não tiveram a audacia de impôr que se escondessem todos os processos e comtudo prometteram na epocha das arruaças, aos seus adeptos, livral-os de quaesquer crimes, mesmo dos de morte, contanto que a victima fosse do partido adversario; a furia no roubo applacou-se um pouco, devido sem duvida ás imposições d'um mais escrupuloso. Os individuos que foram arrastados ao crime pelas promessas de impunidade e de recompensa, viram mais tarde cahir sobre elles o peso da lei, embora moderadadamente, porque tinham um *affeiçoado* a vellar por elles, e que as recompensas eram dadas aos que menos sacrificios tinham feito.

D'ahi proveio a desordem.

Ouvem-se as recriminações: conhecem-se os verdadeiros auctores dos crimes.

*

Não somos nós que lhes chamamos **ladrões.** São elles mesmos que assim appellidam os cabeças. Não é um só: é a maior parte do bando que vê uma duzia colher o resultado dos crimes em que muitos foram incursos e alguns tiveram de pagar.

Ladrões! *ladrões*, sim! E para isso os *affeiçoados*, os correligionarios citam factos que desconheciamos, provam bem que este titulo lhes é com rigor adequado. São ladrões que mal pagam a esses que lhes forneceram os elementos para á vontade poderem roubar.

Mal pensavamos que tão depressa e com testemunhas tão insuspeitas haviam de ser provadas as accusações que lhes dirigimos. E comtudo hoje nenhuma duvida póde restar, nenhuma.

Causam tedio, causam nojo os insultos que todos os dias os vemos jogar uns aos outros: as accusações que provam: a descripção dos planos com que assaltavam os homees sérios e dignos do concelho.

Essa comedia é por certo vergonhosa, mas tambem é a unica reparação possivel que o concelho pode obter dos cabeças d'esse bando. São os proprios instrumentos de que lançaram mão, que os castigam, que lhes fazem pagar com usura o que planearam para ferir, para roubar, para matar os adversarios.

E esses individuos-instrumentos teem razão. Pois elles antes de os cabeças do bando os impellir, os obrigar ao crime, não eram artistas honrados, homens sérios? não eram esses individuos respeitadores e cordatos, sem notas no registro do crime?

Eram. Transformaram-se depois em bandidos, em garotos, deixaram por isso de trabalhar, adquiriram os vicios do ociosidade e os habitos do crime.

Se os cabeças do bando são os unicos culpados, que lhes soffram as legitimas consequencias, já que não cumpriram as promessas, já que não querem continuar a subsidiar como até ha pouco, a horda.

Em boa verdade, só estes individuos instrumentos podem e devem pedir a reparação commettidos e instigados pelos chefes do bando luminada, porque, primeiro do que tudo, elles são os mais lesados, porque as cabeças lançaram para o chavascal do crime.

Nem queremos fallar dos insultos baixos, porquissimos que jogam uns nos outros.

Fizeram para escalar o poder uma campanha de diffamação contra os adversarios: inventaram calumnias as mais extravagantes: romperam em objugatorias as mais indecentes: atiçaram as vaias dos arruaceiros que tinham desmoralisado. Pensavam que assim deprimiriam, desacreditariam os seus inimigos. Enganaram-se: os insultos nem de leve os tocaram, as reputações que pretenderam macular, conservam-se limpidas como antes da campanha—Mas agora essas armas voltam-se contra os que as mandaram empregar, e os insultos refinaram são mais atrevidos, ferem porque teem base, a mesquinham porque vão tocar em caracteres perfidos, pervertidos pelas vinganças reles, derreados pelo remorso.

E a prova é que os adversarios riam-se dos actores que diziam um papel ensaiado entre bastidores, e os cabeças fogem corridos de vergonha quando os do seu bando os apupam, lhes contam verdades.

Que maior vingança podia o concelho engendrar para castigar os infames cobardes que por detraz da cortina mandavam os desgraçados attacar, espancar os inimigos politicos?

*

Desde que a actual variação tomou posse dos termos constantemente dito que o povo deveria orar pelo futuro do concelho.

Eram simples as razões que tinhamos e temos para fazer semelhante affirmação—a ambição desmedida da horde que levou a cacete as eleições e a inhabilidade reconhecida dos que occuparam os cargos de administradores municipaes.

Para a ambição não podia haver correctivo algum: a ambição não podia ser soffreada. Os crimes que incessantemente os arruaceiros cometteram em virtude das instigações dos cabeças limonadas e as recompensas pecunarias ou de empregos então promettidos, mas que se não compriram, precisàvam de ser pagos quando mais não fosse com os bens do municipio, como foram, e tivaram toda a auctoridade aos individuos que por lei eram obrigados a administrar os bens que pelo cacete, lhes foram confiados. A ambição do bando deixou logo nos primeiros dias o cofre municipal sem dinheiro algum. *Deu-se* dinheiro a todos os que o reclamaram sobre qualquer pretexto, ainda o mais stulto ainda o mais elegal, e para maior vergonha, e, como prova de maior cynismo, o presidente da camara *abotou-se* com uma quantia não pequena

O regabofe continuou ainda por muito tempo: os abonos do dinheiro propagaram-se d'um modo celebre—era o desmanchar da feira: os effeitos d'uma fome canina.

N'esta partilha dos bens municipaes começaram os primeiros descontentes, a zumzunar, porque os pedidos eram despachados conforme a importancia em cacete, dos diversos peticionarios. Assim a um celebre mestre d'obras não foi approvada a importancia de uns poucos de metros de saibro mettidos em conta, um fornecedor não foi approvada a verba das caixas de phosphoros para accender a illuminação! a outro não foi approvada importancia de uma pipa de vinho gasta na ultima eleição; e assim algumas mais. Mas outras... foi um nunca acabar.

Por isto e porque os actuaes vereadores são inhabeis para o cargo que occupam vê-se por toda a parte que nem sequer se compõe um caminho nas differentes freguezias, não se procede era mais pequeno melhoramento na villa ou nas freguezias ruraes.

Pergunta-se geralmente o que faz essa gente que para ahi está? em que emprega o dinheiro?

A resposta é simples—não faz cousa alguma—o dinheiro somese: quem sabe por onde e para o que?

Em tempo liquidaremos contas.

RISCOS

ESPERANÇA

(A. J.)

E' a esp'rança que anim'os meus dias
tornando mais suave o fél do meu viver
e que me embala o espirito distante,
por um paiz côr de rosa, só de prazer.

Quem, n'este mundo, poderá viver sem ella?
Qual é o infeliz que a deseja perdida?
E é tão mentirosa, phantasiadôra...
apesar de ser o meigo sorrir da vida!

Todavia não me fujas—ó Esp'rança—
inda que adversa seja a minha sorte.
Sê tambem o meu efficaz linitivo
quando me róce a negra aza da morte

Ovar, Maio—13—188.

F. M.

TRIBUTO DE GRATIDÃO

Á

MEMORIA DE ROSA CLARA DE JESUS MENINO

Ai! fugiste da terra, sim eu bem o sei,
Ficando, no meu seio, eterna, immensa dor,
Immensa soledade!
Pairaste junto a Deus, a luz do teu amor;
Tomou-te para sempre o veu eternidade!
Hoje descanças socegada; longe o mundo
Repousa lá nos ceus!
De crença pura d'amisade sancta
Alem onde tu vives
Recebe os choros meus!
Sim acceita-os de quem na vida tua
Só bem sempre te quiz!
A triste saudade, a terna flor do lirio,
A rosa do martyrio,
A meiga flor do liz
Cresçam na primavera, do verão, d'outomno
Onde tu descanças em teu eterno somno!

Coimbra—25—5—88

J. d'Almeida

Novidades

Corpus Christi. — Sahiu finalmente este anno á rua o S. Christovão. E para presencear os *papeis* que se fizeram por ahi, melhor fôra que se tivesse deixado estar preso, como dizia o rev. Abbade d'esta freguezia. Sempre cercado de gente de reputação *conhecidissima*, abrigando no seu interior o Julio escoltando por caceteiros, o santo devia ter soffrido um tormento espantoso: e chegamos a pensar que elle d'alguma vez agarraria no pinheiro varreria toda a gentalha. Afinal o santo, para não armar questões e talvez para não ser cacetado, deixou-se ir arrastado por aquella gente, que, temendo a fuga, o segurava pelo manto.

Eram approximadamente 11 horas da manhã quando se annunciou por dous ou tres foguetes que o cortejo camarario ia sahir dos Paços do concelho em direcção á egreja matriz.

O cortejo compunha-se: de grande malta de rapazio que vinha á frente segnia-se o S Christovão ladeado por um dos officiaes da camara e um outro individuo que se propõe para esse cargo: atraz vinham cinco vereadores de fachas ás costas, precedidos da bandeira municipal, muito encolhida, muito envergonhada do papel que ia representando: formando guarda d'honra á vereação marchavam os caceteiros armados de bordões, dando vivas aos bordões e escodellas que tinham vencido as eleições, gesticulando desordemnadamente, fazendo menção de quem arremessa pedras.

—N. B. Precisamos de fazer uma rectificação:—por equivoco dissemos que no cortejo vinham encorporados os caceteiros, dando *vivas* etc; isto é menos verdade. Os caceteiros não vinham, porque estavam despeitados; formavam um grupo na praça chamando em altas vozes *ladrões* e dizendo que se tinham entrado a cacete, deviam tambem sahir a cacete.

O cortejo chegou á igreja e principiou a missa solemne.

Finda a missa voltaram os vareadores para o theatro das façanhas do bando—a Praça, um sugeito que tinha alugado para soltar *vivas* soltou o primeiro, e, como não fosse correspondido deixou-se ficar por ahi.

*

A tarde, já são seis os pescadores que trotam em cortejo da camara para a egreja.

Sae a procissão.

Na frente a corporação dos oleiros com o seu estandarte. Seguem-se confraria, vindas de Maceda, Arada, Vallega e Esmoriz é todas as d'esta freguezia, estas muito pouco concorridas, a não ser a do Santo Antonio, por um dos arrais do bando ter sido posto ao lado pelos homens das fachas ás costas.

Na egreja grande bulha porque o Soares Pinto e mais a sua caterva da administração do concelho querer occupar o logar mais proximo do pallio, e os homens da fachas querer esse logar para si. Afinal o celebre Soares veu-se obrigado a ceder; e ficam a seguir ao pallio—os homens das fachas, precedidos da bandeira enrolada —o muitissimo dignissimo delegado da comarca Manoel Nunes, trazendo ao lado os snrs drs. Chaves e Coelho—os snrs. escrivães e contador do juizo accompanhado pelos officiaes de deligencias no conce o administrador e gentinha competente.

Debaixo do pallio os reverendissimos abbades de Vallega, Maceda e Esmoriz.

—Notamos que o delegado da comarca, durante o trajecto da procissão se conservara sempre em posição seraphica. Suppomos que ia fazendo penitencia dos seus erros, e abençoamos assim S. Christovão que talvez para elle pedisse na côrte celestial um raio de luz divina Observaremos a conducta do sr. delegado para vêr se aproveitou alguma cousa da penitencia. Oxalá aproveitasse um.

A procissão era muito cumprida, devido á concorrencia das irmandades das freguezias ruraes, principalmente das de Maceda, Arada e Vallega.

*

Recolhida a procissão houve ainda novo cortejo. Esquecia-nos dizer que os cortejos traziam e levavam sempre a competente philarmonica tocando o hymno da carta. Repetiu-se á tarde a scena dos *vivos* que não foram correspondidos, Pobre gente! pobres patuscos engazufilados pela mão da desgraça, vendo-se obrigados a encurralar-se na camara sem a respectiva manifestação dos caceteiros porque dão o cavaquinho!

*

No sermão pregado antes de sahir a procissão, o orador pediu tres avês: sendo uma applicada pelos snr. vereadores, e outra pelo socego d'esta villa.

Effectivamente o bom de pugados teve toda a razão. Os vareadores andam com uma sorte tão desastrada que bem carecam d'algumas resas.

Se elles logo pela manhã tiveram a questão da cera que lhes deu bem bons amargos de boca!

E depois a questão da precedencia atraz do pallio!

Mas d'essas questões nem o sr. pregador, cujo nome ignoramos, tratou de saber, nem nós lhas contamos, porque...não vale a pena fallar em tal, coisas d'um gaiato, d'um Angelo.

O socego de conselho tambem nós desejamos; e para isso muita gente tem feito rezas, mas o bando de selvagens não vae só por outra forma, menos civilisada é certo, menos humana aos de effeitos mais immediatos. S. Christovão um o seu pinheiro seria com bom auxiliar.

Angelo e Zezere—Dous individuos que teem immensos pontos de contacto. São por egual conhecidos n'este pequenito meio social. Ambos bebem ambos insultam apenas com uma pequena differença o primeio sulta quando está bem accompanhado, e só apenas senhoras; o segundo dirige insultos mesmo só. O primeiro é de natureza escouceador e ingrato: o segundo para que chegasse a insultar foi preciso que os cabeças limonadas o obrigassem a fazer asneiras successivas.

Publicações. — Recebemos o n.º do 1 de junho do interessante jornal illustrrdo de modas para familias—«*A Estação*» cujo summario é o seguinte: chronica de moda; e gravuras:

Costume com tunica comprida —Costume com tunica sobretudo Corpos e modelos de enfeite—Capota de renda—Romeira bordada a soutache—Costume com corpo jaqueta—Costume com corpo e aba—Romeira faixa - Costume com corpo curto na frente—Grande chapeu redondo de palha —Grande capota de renda e palha —Grande chapeu redondo de crina vegetal—Touca caseira—Touca de renda—Bonet jokey para menino—Gorra de tecido para creança—Costume com corpo jaqueta para creança—Costume com tunica apanhada em paneiros —Costume com saia apanhada—Penteados golla gravata—Gollas de renda—Costume ornado de bordado para menina—Vestido com pala para creança—Costume com pala pregueada, para menina —Costume ornado de trancelim Costume bordado a soutache.

Rendas, bordados, tapetes, etc, etc.

Dous figurinos coloridos representando:

Vestido para passeio—Costume com collete—Costume com corpo jaqueta — Costume com corpo com aba.

Assignatura por anno.	4$000 rs.
» 6 mezes .	2$100 rs.
Numero avulso . .	200 rs.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMTAÇÃO

2.ª (*Publicação*).

No dia 10 de junho proximo, pelo meio dia, no Tribunal judicial sito na Praça d'Ovar, vae á praça em quatro partes eguaes em valor conforme se acha dividida e demarcada, para serem arrematadas e entregues a quem mais offrecer sobre a quantia de 260$000 reis sobre cada quarta parte, por virtude da deliberação de conselho de familia, no inventario por obito de João Gomes dos Santos morador que foi no logar de Gavinhe, freguezia de Cortegaça, com declaração de que as despesas da praça e ad contribuição de registro ficam á custa do arrematante, a seguinte.

PROPRIEDADE:

Uma quinta de matto e pinal circuitada de muro, parte sita no lugar do Monte de Cortegaça e parte sita no logar do Outeiro de Macedo, e confrontar do norte, sul e poente com caminhos e nascente com Joaquim Garcia, a qual pertence aos filhos da fallecida Maria Gomes de Sá Cardoso que foi dito logar de Gavinhe.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para usarem dos nosos direitos.

Ovar, 18 da Abril de 1888

Verifiquei,

Servindo de juiz de Direito

Antonio dos Santos Sobreira.

ARREMATAÇÃO

1.ª publicação.

No dia 3 do proximo mez de Junho pelo meio dia, no Tribunal judicial, sito na Praça de Ovar, volta segunda vez á praça para ser arrematada a quem mais offerecer sobre a quantia de 52$500 rs. metade do seu valor, na execução hypothecaria que Eduardo Elysio Ferraz de Abreu, d'esta Villa move contra o devedor José Maria Rodrigues Braga, e fiador Antonio Valente, solteiros de Vallega.

Uma terra lavradia com cabeceiro de matto pelo lado do sul, allodial, chamada o «Kio.» sita em Porto Labozo de Vallega, a partir do norte com o rio e sul com caminho, pertencente ao executado devedor.

Para deduzirem os seus direitos são citados os credores incertos.

Ovar, 28 de Maio de 1887.

Verefiquei
Servindo de Juiz de Direito.

Cunha.

O Escrivão
120
Antonio dos Santos Sobreira

ANNUNCIOS

SORVETES

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA

OVAR

Vende-se duas terras lavradias, com oito alqueires e tanto de semeadura; sendo uma sita na Bocca-do Rio, e outra nas Hortas, pertencentes ao snr. Fernando de Oliveira Folha.

Para tratar com Antonio Pereira Magina.

LARGO DE S. THOMÉ
Ovar, 16 de maio de 1888.

GUIA
DO
NATURALISTA
Collecionador, preparador e conservador
POR
EDUARDO SEQUEIRA

2.ª edição refundida e illustrada com 131 gravuras

1 vol. br. . . 500 reis
Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio
A' Livraria—Cruz Coutinho=Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20. Porto.

NO PRELO

SILVA FERRAZ

PENUMBRAS
(Sonetos e Madrigaes)
Um volume de versos de cerca de 200 paginas com o retracto do auctor. Edição de luxo.

TYPOGRAPHIA
DO
POVO DE OVAR
(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho consernente á sua arte, a toda qualquer côr, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais rasoaveis possiveis

O MAIOR SUCCESSO LITTERARIO
A MARTYR
POR
ADOLPHO D'ENNERY
VERSÃO DE
JOÃO PINHEIRO CHAGAS

Celebre romance procurado com excepcional interesse pelos leitores dos dois mundos e publicado no *Primeiro de Janeiro* e de que foi extrahido o drama actualmente em scena nos theatros Baque e D. Maria II.

Edição illustrada com gravuras.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O romance A MARTYR constará de 2 volumes em 8.º illustrados, distribuidos em fasciculos semanaes de 10 folhas de impressão de oito paginas cada uma, ou 9 e uma gravura, a 10 réis cada folha, ou 100 réis cada fasciculo pagos no actoda entrega. A obra completa não terá nem mais de 10 nem menos de 8 fasciculos.

Para as provincias, os fasciculos serão enviados francos de porte pelo mesmo preço que no Porto, mas só se acceitam assignaturas que venham acompanhadas da importancia de 5 fasciculos adeantados.

A casa editora garante 20 pocento de commissão a quem angariar qualquer numero d'assignaturas, não inferior a 5.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que deem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Livraria CIVILISAÇÃO de
EDUARDO DA COSTA SANTOS
EDITOR
Porto—Rua de Santo Ildefonso 4 e 6—Porto.

P. S. Acha-se já em distribuição o 1.º fasiculo. Enviam-se prospectos a quem os pedir.

As pessoas quebradas

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto antiphelico se cura radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplasto tem sido applicado em 35:540 pessoas e ainda não falhou.—Preço 1$500 reis.

Balsamo sedativo de Raspail

Remedio para a cura completa dorheumatismo, nervoso, gottoso, articular, dôres de cabeça, pontadas, contusões e amollecimento da espinha dorsal. Frouxidão de nervos, fraqueza de musculos, golpes e toda a qualidade de dôr ou inflamação: usa-se externamente em fricções.—Preço do frasco 1$200 reis.

Contra os Callos

Unico remedio que os faz cair em 12 horas.—Preço da caixa 400 reis

Molestia de pelle

Pomada Styracia, cura prompta e radical a todas as molestias de pelle, as empigens, nodoas, borbulhas, comichão, dartros, herpes, lepra, panno, sardas, etc., etc.—Preço da caixa 600 reis.

Injecção Gueinp

E' esta a unica injecção, que sem damno, cura em 3 dias a purgações ainda as mais rebeldes.—Preço do frasco 1$000 reis.

Creme das damas

Torna rapidamente a pelle clara e macia, dissipa as sardas, tecrestadas, nodoas, borbulhas, rosto sarabulhento, rugas, encobre os signaes das bexigas.—Preço do frasco 1$200 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cégo, 15 á Praça das Flores—Lisboa.